

ASSIGNATURAS

Trimestre.....	25000
Semestre.....	50000
Anno.....	85000

# O PENSADOR.

PUBLICA-SE

Tres vezes por mez, nos dias  
10, 20 e 30.

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

„Et hoc non minus parvum futurum, et circumferendum cum vultis doctrina,  
in amplius homine, in actibus ad circumstantiam erigit.  
(S. Paulo, ad Hebraeos, Epistola Cap. V, v. 14)

Maranhão, 30 de Janeiro de 1881

Propriedade de uma associação

### O PENSADOR.

MARANHÃO, 30 DE JANEIRO DE 1881.

ABI, tu'm recanto sombrio do templo, debaixo das arcadas silenciosas da nave, um homem está taciturno. Afogado no marmoreo pavimento, meço sepultado nas sombras, que desce da abóbada, immobilizado pela influencia enervadora dos perfumes do incenso e da cera queimada, esse homem entrega-se á oração. Com os braços estendidos, com os olhos erguidos para o céu que o tecto da igreja lhe encobre, balbucando palavras que não comprehende, julga estar praticando uma obra meritória.

Sabeis que homem é aquelle que ora alli?—Deveis sabel-o porque aquelle ser é uma chiaga no grande corpo da humanidade. Esse homem é um fanático—uma racional a quem suprimiram o pensamento. Aquelle corpo é uma alampada cuja luz se extinguiu. Aquellas praticas em que o vades mergulhado, aquella reitoria postura, aquella oração inbecil que dos labios lhe fuge como um miasma pestiferal, tudo aquillo, enfim, é o symptom da mais cruel das enfermidades— a ignorancia voluntaria.

Sim, esse homem é um ignorante, e um ignorante terrível. Não sabe porque não quer saber. A natureza doitou-o de um cerebro, e elle tem deixado improdutivo esse grande capital. Alli, a aquella mente ha uma desorganisação immensa. Esse homem já não pensa—crê. E essa creença sumio-lhe a razão, e a razão fingido levou-lhe o consciencia.

A consciencia fugio-lhe?—Sim, fugio como a avesinha acoutada pelo lurido. O fanatismo fez voar a alegre auradora. No dia em que esse homem fechoo seu cranio aos raios da luz, den-se n'aquella cabeça um abismo de trevas. Aquillo já não é um homem—é o sepulchro de um ser pensante. A grande força que o animava desapareceu. Não mais é uma machina intelligente. O que alli vedes é um automato.

E por isso elle ora na solitaria egreja. A oração que profere é o hração da sua degradação moral. E a oração incensante, é a prece parva, é a pratica estéril, é a formula ridicula, com que este miseravel pretende adorar ao Eterno! E quando lá fora do templo as tempestades rugem, quando os homens soffrem, quando os prantos correm, quando ha tanta tristeza, tanta angustia, tanta dor a minorar, este homem inutil permanece gelado, insensivel, no sanctuario. Julga adorar a Deus e esquece-se de seus semelhantes! Pensa adquirir para si uma bemaventurança ephemera, e olvida o mais sagrado dos deveres—ser útil á humanidade! Oh! como este maldito automato revela a infernal astucia do machinista que o fez!

Sim este ser é o producto de uma força tenebrosa. O Catholicismo romano foi o machinista do automato. Foi elle que tirou a alma áquelle corpo para a substituir pelas suas estereois doutrinas. Foi elle que matou a consciencia de um dos titulos da humanidade. O assassino d'aquella razão foi a Igreja! Quem evileceu aquelle homem foi o Papado. O polypo da Roma moderna abraçou aquella intelligencia nos seus tentaculos absorventes. E a intelligencia morreu n'aquelle abraço. A virtude foi estrangulada pelos braços de Nero.

Como acabais de ver, aquelle anthroponomorpho que ora é o fructo da arvore da mal—o espirito sacerdotal. Os fructos d'essa arvore só podem ser monstruosos. E por isso aquelle homem é um monstro. Não tem cerebro. A Igreja tirou-lhe o para o lançar na valia da sua podridão. E com este adubo que ella tem torçado para si a terra productiva.

Na idade media foi que o estrume abandonou. Foi n'ell'aque o fanatico paludon. Foi n'ella que a Igreja colheu. Um dia porem os cerebros humanos desentelam fertilizar a terra para o Papado. Bemem-se a uma immensa greve e dizem—queremos pensar.

Esta greve foi a Reforma.

Ha uma verdade incontestavel para todos aquelles que á luz da historia tem estudado as religioes. Essa verdade é o odio que todas ellas tem declarado ao pensamento humano.

Entre todas essas instituições, porem, a que mais se tem desfingido n'esse adubo louco é a Igreja Catholica. Nunca o pensamento soffreu mais duros ataques á sua soberania que da parte d'essa negra e leticia religião sacerdotal.

Herdeira unica na Europa do grande despotismo romano, tendo alraz de si na tyrannia o passado dos imperadores, a filha do Christianismo prostituida pelo paganismo, desde que firmou sua existencia politica e social, só teve em vista transformar o genero humano em rebanho d'escravos proprio a alimentar o seu parasitismo. Para conseguir isso das homens estudou todos os meios. Aquelle que mais lhe agradou foi a suppressão da consciencia. Vedando ao homem pensar estava certa durante um certo tempo de conservar o seu dominio.

E conservou-o. Na treva dos seculos que precederam a Reforma o pensamento viver encerrado n'uma mansorra. Prisioneiro do Papa, jamais ponde transpor os muros do carcere. Se ás vezes pretendia sair—á porta surgiam-lhe as figuras de João Huss, de Savonarola, e de tantos outros martyres. Era impossivel a libertação em quanto a prisão não se derrocasse de si mesma. Então o pensamento sahiria pela brecha.

Como todas as corporações que possuem o poder, a Igreja teve alguns momentos d'esquecimento de seus interesses. Dormiu por varias vezes, e seu somno gerou-lhe a ruina. Deixou patentearem-se aos olhos do povo as suas misérias, e foi a primeira a demolir o que com tanto trabalho edificara.

Para que um povo respeite um tyranno necessario é que esse tyranno seja grande. Quer nos boas qualidades, quer nos vicios, o vulgo espera dos despotas a grandeza. Só a grandeza pode absolvel-o do jugo que impoe.

A Igreja Catholica, que na idade media fora grande, teve em fins do seculo XV e começo do XVI occasões de se revelar mesquiada. Mostrou-se frivola e incoherente, e o povo habituado a respeitá-la sentiu como que a gargalhada invadil-o quando viu a insignificancia a que ella desceia. Rio-se, e n'aquelle riso estava o germen da Reforma. Aquelle riso era a prisão da consciencia que se desmoronava. O carcere estava incapaz de conter por mais tempo o sulfureo captilvo.

Depois que o schisma do Occidente assolara por longo tempo a Europa, depois que os concilios do Bale e de Cons-

tañca haviam mostrado ao mundo as discordias intestinas da Igreja, o povo — a eterna victima dos tyrannos, sentira um rai de luz baixar ás trevas em que vivia. Essa luz fez-lhe ver que os eram aquelles que o dominavam. O povo pensou em fies sacrilic o jugo.

E sacudio-o pela voz da Reforma. Sacudio-o como se sacode uma pedra caída. Tirou as algemas dos pulsos e libertou os grilhões do pensamento. Não mais quiz entre si e a verdade o villo repugnante da Igreja. Compreendeu que o Catholicismo dando-se por unico depositario das doutrinas christãs monopolisava o direito d'interpretação da moral do martyr do Golgotha para a accommodar, viciodo-a, a seus fins escravizadores. Hellecto sobre as bases da crenga que lhe impunham, e chegou a reconhecer que essa crenga era para o homem um meio de entranquecimento que o punha inerte á disposição do parasitismo clerical.

Quando Luthero surgiu na Alemanha combatendo com seu verbo de fogo o Papado, as gerações apenas o consideraram como a primeira fala de cambio que a liberdade arrojava nos arrabatos do Catholicismo. Luthero para os povos tomou as proposições de um gnericio que acaba de dar começo a uma batalha. Os exercitos já estavam prumptos, e o eloquente pregador nada fez mais do que dar o signal do combate. Apoz elle o pensamento arremecou-se d'encontro ao velho edificio das imposturas catholicas. Era uma aspiração geral para o bem que se revelava, e n'essa aspiração gigante Luthero foi o interprete do sentimento popular. Não foi Luthero que fez a Reforma. Foi a Reforma que fez Luthero.

Quando em Worms o grande orador foi proscripto, quando um edicto contra elle foi proferido, o povo comprehendeu que a proscriptão fulminada contra Luthero era a proscriptão do pensamento. Não temia ante a ausencia da suppressão da razão. A ameaça era tardia. A razão já dominava. Era impossivel desderran-a. A realza da luz começava.

Quando rebandado na Judea o Christianismo surgiu no mundo social, estava longe de ser um systema defendido de crengas. Sendo revolucionario de um povo a quem o despotismo esmagara, não era um insitulo de praticas e doutrinas immoveis. Christa, como todos os homens de sentimento que aspiram ao bem, não quizera dar á humanidade um molde para o pensamento. Ensinando seus discipulos a examinar os factos, mandando-lhes que reflectir sobre a moral, pedindo-lhes que julgassem a arvore pelos fructos, taha em vista dar a liberdade á razão humana. Sabia que a razão era a unica força que podia approximar o homem do bem. Compreendeu que dar uma formula rigorosa ao pensamento equivalia a matá-lo. E a morte no pensamento é a maldade no homem.

Seus discipulos formel-o fies. Não pretenderam enfraquecer a mente humana. Trabalharam por alargar os domínios da razão. Soldados de uma ideia santa invadiram o mundo para implantá-la. Apostolos da liberdade correram a espargil-a no orbe. Soubaram a morte dos escravos para dar existencia a homens livres.

Roma porem dominava então no Universo. Seu dominio era a oppressão sobre os povos. O throno dos imperado-

res era uma montanha que pezava sobre as nações. O pezo era enorme. As correntes da balança do destino tinham que quebrar-se mais tarde ao impulso da gravitação d'aquella enorme material.

Invadindo Roma o Christianismo achou ante si instituições definidas que lhe vedavam o caminho. Teve que lhes dar batalha para as destruir. Nessa batalha porem soffreu. Depois de haver obido a victoria, reconheceu que a devia á tactica que apprendera de seus contrarios. Pagansara-se para poder vencer, e transformado em systema de oppressão pezava sobre os povos. De propaganda revolucionaria desceera ao nivel d'instituição dogmatica. De filha que era da liberdade transformara-se em mãe do despotismo.

Durante a invasão dos barbaros, durante esse cataclysmo humano, fiel ás tradições da Roma pagã a Igreja lançou suas redes para n'ellas colher a humanidade. Trabalhou para firmar o seu poder tyrannico. A ignorancia que então invadira o mundo auxiliou-a na sua obra tenebrosa. O barbaro aceitou-lhe o jugo porque o barbaro não queria pensar, e a Igreja pensava por elle.

Como todas as forças provocou, porem, uma reacção. Essa reacção foi o Idamismo. Mahometh é um fillo do despotismo da Igreja. A religião que elle pregou não é outra coisa senão um protesto contra a forma dogmatica assumida pelo Catholicismo. Seu Al-Koran é o manifesto d'uma intelligencia a que repugna a corrupção que s'inoculára no Christianismo. Monothesta segundo as tradições hebraicas, considera á Igreja como uma instituição invadida pela idolatria. E é contra a idolatria que elle assenta suas baterias.

Havendo dado lugar a uma invasão enorme, a doutrina de Mahometh modificado-se segundo a influencia das sciencias honradas e protegidas pelo Califado, introduzindo-se na Europa como uma força subversiva do despotismo papal. Traza consigo a philosophia que vinha arrastar os espiritos para uma nova evolução d'ideias. E este movimento voltou-se através dos seculos finha que conduzir os povos a uma revolta contra o dogmatismo de Igreja. Era o germen que mais tarde havia de fructificar nas regias da Europa septentrional.

Fins, immovel, no tempo que para si erigira, a Igreja, continuando a estreitar o pensamento humano nos seus circuitos de ferro não taha o pleno conhecimento do movimento hostil que os povos contra ella abalava. Condecio-o superficialmente como conhece o Vestivo aquelle que o viu inactivo. Quando houve a erupção foi que comprehendeu a grandeza do volcão. Foi então que reconheceu que insufficientes eram os meios de que se servia para conservar o poderio. Era tarde porem para evitar o ataque á sua soberania.

Deixando livremente penetrar na Europa a influencia das letras e das artes gregas, haindadas de Constantinopla pela invasão turca, auxiliando a grande movimento da Renascença, a Igreja contribuiu para accumular materiales para sua propria ruina. As grandes tradições da Grecia, transportadas ao meio d'uma sociedade que sahira das trevas da idade media, não podiam senão atear nas nações a culto pelo passado hebenico. Esse passado havia sido derrocado pelo Christianismo romano. Fora o paganismo, apes-

zar do ridículo de suas ficções, que li- zera a Grecia grande. Os povos crimi- naram a Catholicismo de os haver feito pequenos. Accusaram-no de haver trazido a barbárie, de haver proscripto o culto das artes, e suspiraram pelos tempos em que a Grecia difundia seus clarões res- plandentes. Impotentes para reanquirir o passado pensaram em dar ao futuro uma forma mixta que conduzisse à civi- lização.

E a influencia grega fez-se sentir até no throno papal. Leão X é um pagão. Toda a phantasia de artistas que surgem na Italia tem um unico norte—imitar a arte grega. O culto pela belleza plastica toma na Italia o cunho de um grande delirio. Ha ja quem pense em banir o Christianismo, para substitui-lo pelas ri- sionhas fabulas pagãs.

Tal era o estado da Europa quando a Reforma rebentou. Estava carregada a mina: só faltava a explosão.

Leão X preparara a mecha.

A humanidade largou-lhe fogo.

Depois da proscricção de Lutero, depois da dieta de Worms, todos os meios foram empregados pela Igreja para evitar a scissão que ameaçava o Catholicismo.

Pouco em pratica todos os ardis, em- pregando ora a astucia, ora a violencia, cuidou poder restabelecer seu jogo sobre os povos que abertamente contra ella haviam entrado em rebellião. Con- vocando uma dieta em Spira (1529) quer obstar aos progressos do lutheranismo, recebe uma derrota terrivel. A Alemanha protesta; e opera civilmente a scissão que ja se dera nos espiritos. Uma nação repelle o dogmatismo catholico, e ouisa francamente exigir para si o direito do livre pensamento. A liga do Smalkade revela ao mundo que já o poder de Roma é insufficiente para obstar ao des- envolvimento humano. O grande edificio do Catholicismo começa a derrocarse.

Havia contudo um grande meio de conciliação. Os dissidentes pediam à Igreja que reunisse um concilio. Esperavam d'ella que estabelecesse uma forma religiosa de crencas mais compativel com as luzes da razão. A Igreja é po- tente surda a suas pretensões. Clemente VII, tendo que o concilio arrancae os poderes ao Papado, evita uma discussão sobre materias do fé. Apesar porem de sua politica não consegue evitar que a Inglaterra sacuda o jugo papal. Astuto, sagaz, sabio até, é contudo impotente para combater a vaga que se arremoeja d'encontro ao pretensio baixel de S. Pedro. Era proceloso por demais o oceano em que elle nadava a sua barca.

E porque não quer a Igreja um concilio?—Ah! é facil de comprehendel-o. O Catholicismo, dandose por unico possuidor da verdade evangelica, pretende ser o unico a gozar do direito de inter- pretal-a. E assim que elle pensa, mas ante a facção contraria perigoso seria fazer tal profissão de fé. Seria o rompimento aberto e a Igreja queria evitar a scissão. Quando o brasolear do pensamento surgia era perigoso para ella declarar-se francamente sua adversaria. O Papado em sua grande estrategia queria o combate de guerrillas e não a batalha campal. Forte nas escaramuças, não tinha con- tinuo paixão pela guerra decisiva. Como todos os covardes não sabia pelejar em campo aberto.

Ante a attitude assumida pela Igreja a Reforma só podia progredir. E o pro- gresso teve lugar. Progresso enorme e rapido que se despendeu na Europa como uma torrente caudal. Era um rio d'ideias que corria entre os povos e que fertilizava os cerebros como o Nilo outr- ahora fertilizou o Egypto. Era a huma- nidade que se erguia para affastar a tyran- nia que sobre ella pezarra. Era a consciencia que voltava ao genero humano, a razão que regressava a seu lar. Era um cataclysmo, mas um cataclysmo de bem, que vinha apagar na frente dos povos o ferrete que o Papado lhes imprimira. Vo- ragem, sim; mas voragem que encami-

nhava o homem para um abysmo de luz.

Quando mais tarde a Igreja tremula e convulsa ante a vaga que cresce, deter- minou por fim reunir um concilio, havia passado o momento da conciliação. A transacção já era impossivel. A Reforma já ia mais longe que Lutero, e todo o accordo seria irrisorio. Não se podem combinar substancias que naturalmente se repellam. O livre pensamento não se accomoda com as doutrinas papaes. Uma união d'estas só se pode conceber em fabula.

E a Igreja assim o comprehendeu. Assegurando-se do clero por todos os meios, reuniu o concilio de Trento. Esse concilio não é um tratado de paz entre os catholicos e os lutheranos. É pelo contrario a exposição franca das doutrinas do Catholicismo. É o inventario dos bens de um dos belligerantes. É a resenha d'absurdos que o Papa quer impor aos povos. Ali não ha a intenção de uma conciliação. É a guerra a todas as aspira- ções dos homens que querem ser livres. Se Satan remisse concilios, imitaria o de Trento. Se elle fizesse dogmas, havia de consultar as actas das sessões d'esse synodo maldito. Allia Igreja aliu- ra o vicio para se mostrar tal qual é. Alli— a meretriz desnuda o corpo e apresen- ta-se hedionda aos olhos da humanidade. Antes de vir alli deu á luz um filho infame—o jesuitismo. Esse filho é o guerreiro com que ella conta para o com- bate.

E em concilio a Igreja esteve dezoito annos. Foi-lhe preciso esse tempo para se organizar ante os ataques que soffria. Foi-lhe necessaria essa demora para consolidar os seus absurdos, para fortal- lecer os seus dogmas, para proscrever infamemente a razão. Harpia infecta maculando a humanidade só teve em vista construir um carcere para as consciencias.

Mas no carcere não entrou nenhum dos povos que a Reforma libertava. Ha- viam conhecido a liberdade e a liberda- de fazia-os fugir das cadeias. Não quizam que a Igreja pensasse por elles. Não mais deram seu ouro para rolar nos thesouros insaciaveis do Papa. Roma perdeu-os diffinitivamente. Foi um rombo enorme que se lhe abriu na cubica. Foi uma chaga immensa que lhe rebentou na cupidéz.

Estava portanto consumada a grande obra da luz. A sciencia ia invadir o mundo. Não mais o throno do Papa lhe em- panaria os brilhos.

A civilização nascera.

O passado é o grande mestre que en- sina o presente a caminhar para o futuro. As lições que dá valem mais no oceano da humanidade que a bussola no seio dos mares.

Entre todas essas lições a mais gigan- te é a Reforma. Vasto poema do bem tem em si o germen de tudo o que o homem pode tentar de grande.

Protesto enorme contra a tyranmia sa- cerdotal, brado altivo do genero humano contra os despozas que o opprimem, a Reforma tem o vulto augusto de um co- losso. Esse colosso tem o braço erguido para o Oriente. O Sol para que aponta é a liberdade do pensamento.

E depois ella tem a grandeza da gera- dora de um Titão. No ventre agita-se-lhe o germen de um mundo de luz. A Refor- ma vai ser mãe. Seu filho terá por nome —noventa-e-trez.

Em nosso seculo as gerações gozam dos beneficios que receberam da Refor- ma. As sciencias progredem, as artes elevam-se, as ideias fructificam, o homem melhora-se. E em todo este mo- vimento nota-se a influencia do pensa- mento livre tornando-se senhor de todo o globo.

Pois bem, ante esta verdade incon- testavel, ha uma força que se ergue iracunda. Essa força é a Igreja. A Igreja que combaten a Reforma peleja hoje contra seus filhos.

E para ser consequente com o seu

passado tambem n'este seculo o Papado reuniu um concilio. Quiz escarrar na so- ciedade moderna como escarran na moral do Christo. Em pleno seculo XIX ou- so representar uma farsa ridicula. Ser o concilio de Trento foi máo, o do nosso se- culo foi barbaresco. Um concilio que pro- clama a infallibilidade papal não pode ser objecto senão de gargalhada. Ri- te, povo!

Mas ao mesmo tempo que dis expun- dia a tua liberdade, cuida, filho da Refor- ma, em seguir os passos de tua mãe. Evita as cadeias que Roma te quer lan- çar. Olha que defences o pensamento que te querem robar. A Igreja ainda emã, a Igreja ainda é infame.

Mata-se e queres viver. Tens na mão uma grande arma—a instrucción.

Apprende a manejar-a.

**A nomeação do padre Mourão para reitor do Seminario Maior e S. Exc. Rvdm. o Sr. Bispo Diocesano.**

Com a retirada para a Corte do Rvdm. Sr. Conego Raymundo da Purificação dos Santos Lemos, um dos mais distintos e circumspectos sacerdotes de nossa diocese, ficou vago o lugar de reitor do Seminario, importante cargo que, com muita prudencia e dignidade, por algum tempo exercer entre nós.

O publico ansioso aguardava saber qual seria o sacerdote de que S. Exc. Rvdm. largaria tão para preencher o enorme vazio que com a retirada do Sr. Conego Lemos apparecera entre nós.

Não daron por muito tempo esta anxi- edade.

Poucos dias depois da partida de tão distincto sacerdote, os jornaes desta ca- pital e uma tal *civilização*, orgão dos in- teresses catholicos, deram-nos a triste noticia de que S. Exc. Rvdm. em *sua alta sabedoria* resolvesse que o Sr. Conego Lemos fosse substituido pelo Conego Guedelha Mourão.

A indignação publicá, podemos dizer, foi geral, ao saber-se de mais esse acto de clamorosa injusticia, praticado por S. Exc. Rvdm., d'essa affronta atirada ás faces do clero maranhense, que confiante em seu seio sacerdotales dignos de consi- deração e respeito foi despresado por um padre quasi que alieno á diocese.

Qual o fim que teve em vista S. Exc. Rvdm. ao elevar o Conego Mourão ás honras de mais um importante cargo? Qual o lucro que poderia com isso auferir á sociedade? Acaso reflectira bem nas consequencias que poderiam resul- tar da realisacção de um tal acto? Crém- nos que não.

O conego Guedelha Mourão é a nosso ver, quasi que uma completa antithese de Sr. Conego Lemos. Não tem os re- quisitos necessarios para exercer com vantagem um tão importante cargo.

O Sr. Conego Lemos sempre gosou entre nós de toda consideração e estima. Sua conducta irreprehensivel e as mane- iras brandas e affaveis que a todos dispensava, atrahiam-lhe todos os dias novas affeições, muitas e importantes am- iezas e sobretudo um profundo respeito —premio que o povo costuma conceder unicamente á aquelles que se tornam di- gnos d'elle.

Seus actos foram sempre resultados de uma reflexão aturada e severa, de um estudo profundo, isentos de vaidade e tendentes sempre ao bem estar e tran- quilidade do povo.

No pulpito, nesse lugar que lhe serviu de vasto theatro, onde sempre represen- tou um importante papel, conseguindo verdadeiros e expositos triumphos, sua palavra branda e cheia de doçura ensinava á milháo, que respeito ao ec- clesiastico, o verdadeiro caminho do bem, e as mais bellas e sublimadas doutrinas da religião do Crucificado.—Enfim, as sym- pathias e o nome illibado, que grangeou entre nós, attestam ainda a veracidade de nossas preposições.

Com o Conego Mourão, porém, não

dá-se a mesma cousa. Achta-se muito longo de conseguir as provas de consi- deração e respeito que sempre foram dispensadas ao Sr. Conego Lemos.

Viviamos em paz. Entre o povo e a igreja havia uma harmonia completa.

Entre nos ainda não haviam appare- cido innovações tolas e prejudiciaes nos nossos costumes, á nossa maneira de pensar e a nossa educação.

O Sr. D. Antonio parecia ser um ha- bem prudente, amigo do descanso e da prosperidade de seu rebanho. De re- pente, ou por vontade propria, ou por qualquer outro motivo, chegou-nos do Pará o Conego Mourão, onde reunido ao Bispo D. Antonio de Macedo Costa, por muito tempo alimentava no seio da sociedade parense a luta religiosa, que hoje, porém, parece estar declinando a passos agigantados.

A sua chegada, suppunhamos que viria disposto a fruir em companhia do Sr. D. Ayvarenga a paz de espirito, o saçoço e a vida alegre e prazenteira que então disfrutavamos.

Enganamos-nos porem.

Pouco tempo depois de sua estada nesta pacifica capital percebemos que alguma cousa de extraordinario estava prestes a operar-se entre nós. Na realidade não tardou muito aquillo que previamos. Fu- ram prohibidas festividades religiosas, por serem, dizem, pretextos para a realisacção de actos indecorosos e de torpes espezalacões.

Altores-se esse costume ao povo e ao mesmo tempo lançou-se-lhe em face uma grande affronta. Crou-se um jornal intitulado *civilização*, orgão dos interesses catholicos, de onde autoridades legiti- mamente constituidas no paiz, com funda- mento algum, tem sido taxadas vilmente de não saber cumprir com seus de- vores.

Foi instituida a irmandade *Escuçao de Jesus*, cousa sem serventia alguma, verdadeiramente contratepujada paz e á felicidade domestica de onde nada pode nascer que offereça vantagem, nem para a religião, nem para as pessoas que illudidas ali desperdicam o tempo, que poderiam em- pregar em cousas uteis e necessarias.

Com, ou sem fundamento, todas estas novidades, todas estas alterações foram por muitas pessias atribuidas ao Conego Mourão.

S. Exc. Rvdm. que tantas considera- ções lhe tem dispensado, lançou no esquecimento sacerdotes honestos e en- canoçados ao serviço da religião, para no- meal-o, apesar de ser um sacerdote completamente antipatico á nossa sociedade, que só pode preencher mesquinha- mente o lugar que ficara vago com a retirada do Sr. Conego Lemos.

O culpado, o unico culpado do que tem-se dado a respeito da religião entre nós é S. Exc. Rvdm. que para levar a effecto aquillo que deseja parece não con- sultar, não ligar a minima importancia á vontade de seu rebanho. A intelligencia humana é muito fragil, e principalmente a de S. Exc. Rvdm.—que a nosso ver não é das mais bem formadas.

S. Exc. em quanto não reflectir bem n'aquillo que tencionar fazer não conse- guirá cousa alguma de agradavel para si, visto não ter os dotes necessarios para occupar o importante cargo de que infelizmente se achta revestido.

O facto de nomeação do Conego Mourão para o lugar de reitor do Seminario ainda vem servir de argumento irrefuta- vel á idia pouco fisonqueira que a so- ciedade forma a respeito dos actos irref- r- tos, que S. Exc. Rvdm. quasi todos os dias pratica.

A redacção deste jornal, em seu nome, e em nome da paz e prosperidade desta provincia, protesta contra o acto de S. Exc. Rvdm. nomeando o Conego Mourão para aquelle importante cargo.



COLLABORAÇÃO

A. S. Exc. o Sr. Presidente da Província

Nos últimos números deste periódico...

Não vejo, como os adversários carolitas de S. Exc., animado de paixão partidária...

No entanto até hoje, que nos consta, ainda se não tomou providencia alguma...

Por isso viemos por nossa vez occupar-nos dessa importante questão e amplial-a mais.

A audacia do militar deliquente não se limita ao exercicio illegal deste ou d'quelle cargo civil...

Em dias do anno proximo passado affronta a opinião publica da illustrada população desta capital o aparecimento de um jornal intitulado insolentemente de «Civilisação».

E' assim que nas columnas da chamma da civilisação, a lei da reforma official e o governo que a creou são simultaneamente fustigados com violencia e tenacidade.

E ainda hesitará S. Ex.?

O Exm.º Sr. Dr. Cíciliano, illustrado e criterioso como é, liado naturalmente, escutando as nossas palavras...

Acresce ainda mais que este acto não mesmo quando a lei o não determinasse, a instrução publica urgentemente o reclama...

O bispo, pelo simples facto de não usarem latina, enxotou grosseiramente do Seminario cidadãos distinctos...

O Marquez de Pombal.

in e usho.

As vezes a sorte, por um capricho todo maligno, arranca da obscuridade social certos homens obscuros...

da impulsão, avanço. D'aqui a introdução de certas entidades na vida dos povos.

Estes cultos mysteriosos, uma vez sahidos das trevas, trazem em si a sede insaciavel da maldade humana...

O sublime ideal desses entes é impossibilitar, por todos os modos, aquillo que até ao proprio Deus fura impossivel!

O sr. d. Antonio assemelia-se, com pequenas proporções, á um desses entes mysteriosos.

Por um decreto imperial, que o arranca da sua brecha de S. Paulo, nome devesse sempre viver, foi, por infelicidade de nossa, nomeado bispo desta terra.

Sua exc. revmd. representa um papel fríssimo na sociedade maranhense...

Quando mais elevada se actua uma pessoa, quanto mais illustrada deve ser ella.

Entregai a um piloto ignorante a direcção de um navio que tel-o-heis perdido. E inevitavel.

O sr. d. Antonio está nestas condições. E a maior prova disso está em ter elle mandado buscar do Pará o mais tenaz e intransigente dos reacccionarios...

Podemos dizer, se não nos enganamos, que por detraz do sr. d. Antonio está o conego Guedella Mourão...

A que é devido a estada do padre Mourão nesta terra? A ignorancia do sr. d. Antonio e nada mais.

Invejando talvez a sorte do bispo do Pará, quiz o nosso, e irrisorio, tambem compulsa a mesma gloria.

Elle veio. E a sociedade está a rebrantar medonho duma machina infernal, cujos resultados inda são sensiveis...

E d. Antonio sorrio. O seu sorriso tem feito muita gente chorar...

Ha quem diga, certamente os maliciosos, que sua exc. revmd. é muito grosseiro em sua casa e que tem mandado para S. Paulo alguns contos de reis...

Acapace-se sua exc. da papel que representa e dirá commosco:—é triste—Deite para um lado, por favor...

O governo imparial nomeou-o talvez illudido. Competia a sua exc. revmd. se tivesse algumas luzes...

Inda se pode remediar o caso. Aceite o nosso conselho:—renuncie sua exc. o logar de bispo que occupa...

Pense e reflecta como homem. Janeiro de 1881.

Garribaldi.

ECHOS DA RUA.

Aos 5 assignados—a quem por causa dos cobres suspendemos a entrega do jornal—tencionamos no fim d'este trimestre oferecer gratis os numeros que já tiveram a bondade de receber...

A illustrada Redacção do collega Tauxo acudio ao nosso appello e dignou-se responder-nos dizendo que o boato a que alludimos...

Esteve tão esplendido o ultimo baile do Dr. Costa Rodrigues, que não sabemos o que mais admirar...

Lesse no LANCET DA VIGIA, n. 39: «O Vigario da cathedral de Minas Geraes foi suspenso ex-informata pelo bispo...

O Vigario de Pirocana, jantando ha dias em casa de uma irmã do coração, servio uma Sra. com tanta abundancia...

O amigo José Pachorra é um dos primeiros fabricantes de cigarros do Maranhão.

O amigo José Pachorra é um dos primeiros fabricantes de cigarros do Maranhão.

Respondendo ao «Tauxo» diz o pe-

rigoso importanti: «Que o povo quando reconhecer que o despojaram de suas tradições religiosas...

Disse mais o importanti:—«que o clero é elemento indispensavel para a vida e progresso dos povos!»

Disse tambem—«que o padre é quem penetra nas brechas em busca dos selvagens.»

Ainda disse o importanti:—«Que a questão religiosa no Brasil veio patentear em muitos municípios do clero virtudes desconhecidas!»

A mesa do Dr. Costa Rodrigues estava tão opaca e abundante, que dez Piranhas, com o appetite da morte dos pastéis...

EGEGIO PULETTAN sabendo que o padre Fonseca está em risco de perder a pingue mamadeira...

O Revd. Frei Otavio mandou abrir em um anel estas duas miriades—O J—, dizendo, ao ouvires que ficara admirado...

João Moura-grande conta na ultima Vivica, todo ufano, a historia do padre Almeida Martins...

Todos os lugares que vagam agora são para João Moura-grande!

O perigoo importanti disse na Civilisação-o-rão que elle e seus collegas de redacção preferem errar...

Nada mais natural. Os burros dos Boids soltos no largo de Palacio vão ber direitinhos com os outros na Estação.

A canalha da Civilisação-o-rão ja vem, no seu ultimo numero, mettendo o bedelho na questão do Dr. Nuncio...

Estes tartufos não dão de metter o focinho no que não é da conta d'elles, que a final sahirão com as troulas quebradas.

«Movimento dos templos»—Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Beutas aviariadas..... 11  
Ditas jubaladas..... 18

Thesoureira já molada..... 1  
Zeladora granhoirica..... 7

Grande chefe casé..... 1  
Sen pansionado marrusco..... 1

Jesuitas ordinarios..... 3  
Curiosos diversos..... 5

NB.—Sen Pureza não foi porque estava na gateira.

Panta semanal das visitas de D. Corêbo ao convento: Janeiro—1881.

17—Não foi ao cafofé.  
18—Não foi jogar o nickel.  
19—Não foi tocar corneta.  
20—Entrou ás 10 horas, não papou nada

- e sahio ao meio dia com um formigão.
- 21—Não foi com medo d'O Pensador.
- 22—Idem.
- 23—Entrou ás 6 1/2 tomou café, disse burradas e sahio ás 11 1/2 com um formigão.
- 24—Não foi pagodear.
- 25—Não foi tomar jussiró.
- 26—Não foi ver D. Cota.
- 27—Entrou ás 9 1/2 e sahio no meio dia com o formigão Teixeira.

NB: Veja o publico o serviço que O Pensador tem prestado, livrando aquellas gentis meninas das visitas caçafendas d'esse marmanho de capado.

Socor Pompadour.

**CHRONICA.**

Vamos atravessando uma epocha deliciosa—o Maranhão voga em um mar de rusas, impellido pelas brisas perfumadas do Anil e Bacanga.

Ha na atmosphera um cheiro penetrante de banilha e a preguiça arripia a população n'uma voluptuosidade cor do perola.

Dansa-se quasi todas as noites, aos gemidos sensuaes das rabecas, na embriaguez da valsa e do Xerez. As raparigas de quinze a vinte annos tem a palavra arroxeadá, o heico tremulo, o corpo molle e soffrem da haça. Os mecos passam na rua ao meio dia com a calça pendida, o olhar cheio de uma tristeza ché, a cabelleira longa e uma grande no dedo. As vezes são bons rapazes, porém affectam o bello ideal dos vadios ricos, que se aborrecem de tudo e solivam grosso. Homens, pais de familia, as vezes carregados de filhos, passam horas perdidas no bilhar do Almeida ou no bazar *Sommer*—toma-se cognac e joga-se o dominó. As mães de familia vestem-se á *Pompadour* e devoram *Escrich*. Sobre as commoedas e dentro dos acafales de costura encontram-se Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, muito espaçelados pelo uso. Nas varandas, vê-se nas paredes Telemaco, nu, a conversar com Calypso, que está em fralda. Toca-se a *Traciata* ao piano; os miseraes passam na rua a dançar nos sapatos do heri-heri, e os mendigos pedem esmola por amor da santissima virgem, a cantar umas couzas lyricas.

A cidade bocejá—parece estar na resaca de uma hebedeira, contudo á noite ha sempre um pequeno movimento—Abre-se mais uma casa de jogo e crearam-se novos bailes publicos. Perchouse por inutil a Bibliotheca Popular, e o Gabinete Portuguez de Leitura pelo por amor de Deus numa esmola, que revensam.

Erão as unicas duas salas de leitura no Maranhão.

Em cada canto ha um salão de dança, em cada corpo uma molesta secreta.

De noite dança-se, de dia—bocejá-se! As criouças gazeam á escola e fumam cigarros, algumas já têm aos dez annos palpitações e exhibem chagas do mão caracter. Os professores ensinam doutrina christã a palmatoadas e nos sabados mandam cantar o credo aos pequenos.

A familia em geral está completamente desorganizada—ignora as couzas mais indispensaveis para a felicidade domestica e para a dignidade do lar—as filhas casam-se na idade em que deviam aprender a ler e os homens envelhecem ou morrem na idade em que deviam casar.

O trabalho acha-se completamente desaprimado—só se enriquece por um acaso da sorte ou por se ter inventado algum deparativo violento do sangue—a *salsa e caroba* e o premio grande da loteria são os grandes meios typicos de enriquecer. Reimprimem-se os *Serões do Concerto*—uma inmundice, e procura-se nas livrarias com insistencia bestial o setimo volume de *Bocage*.

Rapazes de vinte annos dizem-se conservadores, porque não podem esperar couza alguma do poder actual, alguns

confessam-se ultramontanos! Não existe a dignidade do trabalho—só ha a necessidade de comer quasi todos se envergandam naquillo que são e trazem um navio postigo.

Contudo, dentre este indifferentismo, dentre esta dyspepsia junstra, sae um grito de enthusiasmo, um heido frenetico de animação e vida—todos querem comprar bilhetes para a grande loteria de S. Paulo. Todas as classes, todas as condicoes, desde o capitalista ao mendigo, correm aos cambistas, estremecem defronte das bandeiras e loteiros, que annunciam pomposamente os mil contos e atiram ao ar o producto de suas accões do banco, de suas economias ou o producto de suas joias empunhadás. E uma febre—todos fazem castellos domrados, solivam-se riens e vingados dos deslizes que até ali têm recebido—fazem-se feitiços, crescem as supersticies—as mães mandam escolher o bilhete pelo filho mais novo.

Entretanto no meio deste alvoroço a lei da Reforma Eleitoral, a mais meslida séria do actual ministerio, caminha entre nós, leia, amarela! sem encontrar um heado, sem receber um grão de enthusiasmo e segue o seu caminho de luz como um espectro.

Alguns perguntam o que quer dizer isto de Reforma Eleitoral e a Civilisacão—um jornal de padres, responde, dizendo que é—*uma pasteca!*

Civilisacão! *horrah!*  
No pulpito levanta-se um ecclesiastico para provar ao povo que todo aquelle que não acredita no diabo não deve acreditar em Deus! e o jornal catholico confirma isto contando o modo porque o diabo entrou na Mocotaria e estiorou.

*Horrah! Civilisacão! Horrah!*

Difilissimamente estamos na decadencia dos fins do século passado. Temos um Luiz XVI, feito de papelão; temos uma *Loe*, que introduzio ultimamente 40 mil contos de papel—nossa unica moeda! temos um clero que aconselha a corôa, temos uma religião do Estado, temos um *Calom*, um contrabandista, para levar-nos de rastros, temos a piratagem na sacristia, temos o estupro no altar, temos a tentativa do imposto directo, temos o assassinio de estrangeiros e nacionaes nas ruas da Corte por ordem do governo, temos tudo, tudo como a Franca da derrocada!—só nos falta o principal—a guilhotina!

*Horrah!* ventá a guilhotina!  
Si nos fosse nio dirigi-mos a esta pobre terra para dáer-lhe alguma cousa, dir-lhe-iamos.

Nossa pobre provincia—és uma desgraçada! A natureza preparou-te para grandes destinos, mas a maldita caveira de burro fez de ti uma caipora!

E lastimavel, porém acredita que nada possues de bom—a melhor idea secaca-se no teu seio, como se fosse atirada á um forno quente. Tua politica, teu hospital, teu theatro, tua toilette, tua camara, teus serviços domesticos, tua educacão, tua poieira, tua carne verde, tua cerveja, teu lycera, tua moral, tua religião e tudo que constitue tua individualidade e que te affirma o titulo de cidade, tudo isso não presta para couza alguma—podes lancar com essa quinquilhara á praia, que não perdes nada!

Nada tens que se aproveite sinão o caracter hospitaleiro de tuas familias e a honestidade classica de tuas mulheres.

Pois bem, pobre anjo, si não fiveres desde já o cuidado de defende-las contra os lutes certos dos lobos catholicos, em breve nem isso te restará—desgraçada!

Acabamos de cortar d'O *Liberal da Vigia* de 21 de outubro ultimo a seguinte noticia:

**Que padres!**—Lê-se no «*Jornal do Recife*»

Na camara dos deputados foi apresentada uma representacão de recurso ao Sr. Minis-

tro do Imperio e ao conselho de Estado, dirigida pelo vigario da cathedral de Minas-Geraes, que acaba de ser suspenso ex-informata, porque denunciou ao bispo algumas traficancias praticadas por padres naquella cathedral, como sejam a venda da custodia e de um sino, e a conversão de um cemiterio publico em chacara para recreio de SS. Rvds.

É só porque um padre denuncia os abusos e o sacrilegio dos seus collegas é suspenso *ex-informata consciencia!*

Como se abusa da Igreja, dessa veneranda institucão de Christo!

Com que alguns senhores padres de Minas Geraes fizeram não leve na custodia e no sino da cathedral daquella cidade e reduzi-los um cemiterio a quinta de recreio!...

Mas o que ha nisto de extraordinario, para que o *Liberal da Vigia* bolasse a bocca no mundo!?

—Nada! absolutamente nada! Extraordinario seria si os padres não fizessem traficancias. Porque, sejam rasaveis, os padres, como todo animal, tem um estomago, e esse orgão, devem lá dizer o que quizerem, não se contenta simplesmente com as oracões e com os ex-lasias—precisam tambem de vezem quando, mesmo tres vezes por dia, assimilar qualquer couza mais solida, como seja a batata, o *roast-beef*, o *Bordeaux* e a canja. E as batatas, o *Bordeaux*, a canja e o *roast-beef* não caem do ceu, como o nãõ da escriptura, yem do armazem de algum negociante de secocos e molhados, mediante uma couza, que vulgarmente se chama diuheiro.

Ora, diuheiro só possuir quem herda ou recebe de esmola, quem trabalha ou quem reuba. O padre como todos sabem, só pode em geral ganhar alguma couza por meio de seus misberes religiosos, pois fultam-lhe, já por amor do sacerdocio, já por inhabilitacão, todos os elementos que na vida pratica se convertem em riqueza—mas vez inutilizados para o padre os meios religiosos de fazer seu dinheirinho, é logico que elle, coitado! não tenha com que comprar batatas, *Bordeaux* &c.—e cam na galungum.

Que os laes meos religiosos vão faltando no padre—isso é largavel e ja foi brillantemente provado no ultimo numero da *Civilisacão*, em um accesso de febre, eremos nos.

O governo, o povo, e quasi todas as institucões estabelecidas no Brazil, pareceram não divertirse em apertar o pebolle clero no anel de uma quebradeira horrivel; alem disso já não ha d'ereccões, acabaram-se as virtuosas eporhas do phantasma—hoje tudo está corrompido—já ninguém acredita em padres—já não ha quem encamunhado boas missas cantadas—já não ha fé—não ha temor de Deus—morre um homem rico e, em vez de legar a terra á Igreja—não! deixa-a para a paullaria da tal instrucão publica, ou para a indecencia de algum hospital, ou então para alguma sociedade d'abolica—*canalhas!* Dantes, sim! faziam-se egrejas, capellas, e legavam-se escravos ás duzias para Nossa Senhora do Carmo!—hoje os conventos não tem que cheirar em todos os testamentos—as congruas estão aquella desgraça, que todos nos sabemos—as festas perdem de dia para dia todo o caracter religioso—hoje e tudo civil—os proprios casamentos em breve nada renderão á egreja—á respeito de badalmas nem é bona fallar!—as procissões, foraste—as irmandades estão minguando de sastragamente—os defuntos contentam-se immoralmente com o vigario e a cruz—

já não se fazem promessas—já não se dá cura p'ros santos—já poucos são os que se lembram do antigo padre com um quitesante—já ninguém se confessa, sem estar carregado de culpas—á epocha dos lutes leites, dos grandes e d'esperes, foi-se,—a ordem do dia é a separacão da Igreja do Estado! E os padres, que não herdaram, nem recebem presentes, nem fazem seus bicos, mas que todavia tem dentro de si uma calleira a reclamar combustivo, um estomago a exigir leuba, ma porão a pedir lastro—esses padres, quando não se comem nus aos outros—roubam! Está claro!

Roubam! Roubam para comer! para nadar o licao que es rote por dentro! para caber a febre, que não se contenta com as oracões e com os ex-lasias!

Facultem-se aos padres um meio decente de subsistencia e elles não farão não leve nos affiaes das sacristias.

O padre de Minas Geraes roubou pelo mesmo processo physiologico porque o padre Manuel Carlos do Nascimento deshonrou a filha do Capitão Pereira, com a unica differença de que—á este o que faltava para regalo de seu organismo—era amar; ao passo que aquelle faltava—*batatas!*

O bispo da diocese de Minas Geraes suspendendo, ex-informata consciencia, o vigario que denuncia a traficancia dos collegas, andou muito bem para o vigario não ser tolo!... roubasse tambem, em vez de denunciar os outros!

E o ministro do Imperio, que é um botim de talento e energia deve para bom exemplo ás gerações presentes e futuras, responder á representacão de recuento ao bispaque do Vigario—mandando reduzio á pasteis e linguiças, para ser distribuido pelo Clero faminto.

Por conseguinte, o honrado povo maranhense! toma cuidado com as tuas correntes de religião e os teus lençes de assoar—olta que por cá temos muito padreco na orga!

**EXPEDIENTE.**

Seguram no vapor.—Pará—Arthur Moreira de Barros Oliveira Lima e Eduardo Gonçalves Ribeiro, nossos dignos companheiros de trabalho, que tantas e tão bons serviços prestaram a este jornal.

Santosos enviamos-lhes um cordial aperto de mão e que ventos bonheços os conduzam ao porto desejado.

Fomos obsequiados com os *Estatutos da Associação Typographica Maranhense*. Agradecemos.

Recebemos os jornaes seguintes: *Cabeiro*, illustrada e interessante folha que se publica em Pólofas (Rio Grande do Sul); *Pindamonhabetense*, (S. Paulo) e a *Gazeta do Juiz de Fora*, (Minas Geraes).

A's illustradas redacções agradecemos a fineza e um toca lhe enviaremos o nosso jornal.

**A VISO.**

Pedimos aos nossos dignos assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de communicar-nos, afim de evitar-se irregularidade na entrega do jornal.